



# Biograph



---

## MARIA ARRUDA MÜLLER: ENGAJAMENTO FEMININO NO CENÁRIO PULÍTICO DA HISTÓRIA DA CIDADE DE CUIABÁ

Ana Maria Marques

Universidade Federal de Mato Grosso. Departamento de História

E-mail: [anamariamarques.ufmt@gmail.com](mailto:anamariamarques.ufmt@gmail.com)

A história transporta a memória, dizia Nora (1993). Então, a vida de algumas mulheres e suas memórias talvez possa servir como peças de um quebra-cabeça – pontos que se ligam para conhecer mais a história da cidade, no caso, de Cuiabá (MT), também das temporalidades que se entrecruzam, de um Brasil e de correlações que se estabelecem.

Sirvo-me neste trabalho, como referências empíricas, das memórias deixadas por Maria de Arruda Müller. Ela nasceu aos 15 de julho de 1908 e faleceu em dezembro de 2003. A longa vida dessa cuiabana se liga ao campo da literatura e do ensino, representa a participação feminina efetiva na história da cidade, pois ela não foi coadjuvante de uma história de “heróis”, embora tivesse sido filha e esposa de pessoas que ocuparam lugares destacados no cenário político-administrativo do estado, ela foi sujeito ativo – fez-se mulher na relação com esses homens, por isso a importância da categoria gênero para esse trabalho.

Tomo a definição de gênero como proferida por Joan Scott (1995, p. 86): “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Dessa forma, a possibilidade de ampliação da categoria gênero não está fechada na oposição da diferença com os homens e, sim, na perspectiva relacional e perceptiva. Gênero é, pois, percepção. E percepção se desenvolve, constrói-se. Lembro a emblemática fala de Simone de Beauvoir, em 1949, ao iniciar seu polêmico livro *O segundo sexo*: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Frase inicial da primeira parte do volume 2, *Formação*. BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. (Primeira edição francesa: 1949.)

O aspecto relacional é condição para não fecharmos ou limitarmos as discussões de gênero aos nichos ou guetos. Fugir da possibilidade de relação e conflitos é escapar do sentido primeiro do seu conceito.

Maria Ponce de Arruda, depois do casamento<sup>2</sup> passou a assinar Maria de Arruda Müller. Ela foi mulher de grande projeção intelectual: poeta, escritora e professora. Por pertencer a família destacada na política local<sup>3</sup>, teve privilégios para participar ativamente das transformações da cidade, sobretudo as que marcaram a primeira metade do século XX.

Registros literários de Maria Müller foram publicados em jornais locais e, sobretudo, na revista *A Violeta*<sup>4</sup>, primeiro periódico feminista no estado, que circulou de 1916 a 1950. Maria de Arruda ou Maria Müller compartilhava as preocupações de Maria Dimpina, também editora da revista *A Violeta*, quanto ao “progresso” da “civilização”. Para ela, o desenvolvimento da arte seria um dos indicativos do progresso.

Maria Müller, dentre as outras duas editoras de destaque, Maria Bernardina Ricchi e Maria Dimpina Lobo Duarte, era a que mais se aproximava do caráter literário impresso na revista *A Violeta*. Tinha estilo “educado e fino”, de acordo com Maria Dimpina (*A Violeta*, nº76, p.2). Assinava suas produções

(...) com os pseudônimos de Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrécia, Ofélia e Vespertina, além do seu nome real. Foram crônicas, discursos, contos, narrativas ficcionais, composições poéticas e entretenimentos atinentes à vida social da época. Sua “Crônica” atesta um conhecimento diversificado e um engajamento aos fatos momentâneos (NADAF, 1993, p.61-62).

Na crônica escrita por “Mary” sobre o “Festival de Caridade”, realizado pelo Grêmio em benefício da Santa Casa de Misericórdia, no mês de abril de 1917, descreveu o sucesso do evento como “(...) uma apoteose! E a victoria do gosto pela arte, sobre a apathia que ameaçava invadir a alma já por si nostálgica do cuiabano. Em realidade para que já podemos gritar bem alto que Cuiabá progride”<sup>5</sup>. Mary cita também a instalação de bondes elétricos na capital que percorreriam 12 quilômetros entre as

<sup>2</sup> Maria casou-se com Júlio Strübing Müller em 1919. Ele foi professor, mas chegou a governador do Mato Grosso em 1937 e interventor federal até novembro de 1945, ou seja, durante a ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas. Depois foi senador da república. Faleceu em 1977.

<sup>3</sup> Seu pai foi coronel da Guarda Nacional e a mãe era filha de Generoso Ponce, um dos políticos mais atuantes no século XIX.

<sup>4</sup> Para saber mais sobre a Revista *A Violeta* recomendo a seguinte dissertação de mestrado por mim orientada: COSTA, Laís Dias Souza da. Factos e Cousas nas crônicas da revista mato-grossense *A Violeta* (1916-1937). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. UFMT. 2014.

<sup>5</sup> *A Violeta*. Cuiabá, número 9, p.1. Edição consultada no Acervo Particular de Yasmin Nadaf.

[...] principaes ruas da nossa *urbs* verde, passando uma linha pelo gracioso Bosque Municipal, e mais tarde talvez outra que se estenda até o Coxipó. Como será bom, então, numa dessas inspidas noites de verão dar-se um giro de bond e depois ficar-se lá pelo Bosque até muito tarde, saboreando um sorvete ou uma limonada em mesinhas redondas dispersas aqui e ali pelas alamedas extensas, onde a aragem, balouçando arvores frondosas, vem traquinas brincar com os nossos cabellos e arrepiar num fremito bom a nossa pelle sequiosa por se deleitar...<sup>6</sup>

Finaliza a crônica com mais um elemento para o progresso: a instalação do Cinema Parisien em um novo espaço.

Maria Müller dedicou-se ao magistério na capital e no interior de Mato Grosso, após cursar a Escola Normal “Pedro Celestino”, em Cuiabá. Finalizou o curso em 1915, formando-se na segunda turma, aos 17 anos. No Grêmio era considerada, no primeiro ano de atividade, em 1917, “[...] uma das mais perfumadas violetas, já trabalhando com afinco em qualquer ocasião que os seus serviços sejam reclamados, já como collaboradora da ‘A Violeta’”<sup>7</sup>.

No aniversário de 1918, comemorado no dia 10 de dezembro, Maria Müller foi homenageada pela redação da revista e teve seu primeiro retrato publicado. Como nos casos de Bernardina e Maria Dimpina, as notas de aniversário publicadas anualmente ressaltam as “qualidades” e as características da personalidade das redatoras, aos olhos das “companheiras” do Grêmio e da *A Violeta*.

Para as companheiras, Bernardina e Dimpina, ela tinha herdado o “mal das letras” da família, especialmente de sua mãe, Adelina Ponce de Arruda. Na cerimônia de entrega da bandeira ao “Tiro”, Maria representou a mãe, ao lado do presidente e arcebispo de Cuiabá, Dom Aquino Corrêa. Adelina era a paraninfa da cerimônia. Além da habilidade para as letras, Maria Müller “herdou” a “política” do avô, Generoso Ponce, ex-presidente do Estado de Mato Grosso durante dois mandatos, um em 1892 e o outro em 1907.

No dia 25 de maio de 1930, Maria Müller foi eleita para a cadeira número 15 da Academia Mato-grossense de Letras. Na edição da revista *A Violeta* de 20 de junho, as redatoras publicaram a “proposta” para a candidatura de Maria à Academia. O autor, professor Philogônio Corrêa, relata a discussão entre os fundadores do “Centro” a respeito da admissão de mulheres na sociedade literária. “(...) O resultado da discussão foi a inclusão, como fundadora, da senhorita Anna Luiza da Silva Prado, cujo casamento e conseqüente mudança de residencia, privou-nos da collaboração effectiva do elemento feminino”, justifica

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> *A Violeta*. Cuiabá, número 24, p. 11. Edição consultada no Acervo Particular de Yasmin Nadaf.

Philogônio Corrêa<sup>8</sup>. Maria Müller seria, então, a primeira mulher eleita para a Academia, após a participação de Anna Luiza nas atividades de acadêmica como tesoureira (NADAF, 1993, p.53).

Philogônio continua com a defesa da candidatura e reitera que “A presente proposta é, pois, não só uma eloquente homenagem por nós prestada a intelectualidade da mulher cuiabana, mais ainda o justo reconhecimento dos elevados meritos da nossa illustre candidata”. Cita os “méritos” de Maria Müller como normalista, como mulher e como esposa e ainda o “[...] o seu cuidadoso e elegante trato da lingua materna e sua imaginação creadora e rica, já então observados nas suas correctas provas e composições escolares”<sup>9</sup>.

Outras crônicas escritas por Maria Müller na revista *A Violeta* também revelavam o estilo elegante de sua escrita. Publicada na edição número 209, do dia 25 de agosto de 1933, a crônica com o título “Em cinco dias e meio” extrapolou as poucas páginas destinadas à seção e tornou-se uma das crônicas mais marcantes de sua produção para a revista. Mary apresentou detalhes de sua primeira viagem de avião para a cidade de Campo Grande, atual capital do estado de Mato Grosso do Sul, a bordo do hidroavião “Blumenau”. A partida foi embalada por uma valsa executada pela banda policial, Maria e amigos saíram da capital em uma fria manhã de agosto a bordo: “O ‘Blumenau’ singra com garbo a correnteza aérea. Não se sente o mais leve trepidar. Surprehendente!...”<sup>10</sup>.

Atualmente, Maria de Arruda Müller é também nome de escola estadual - o primeiro colégio secundário público da cidade, fundado no final do século XIX, onde ela também atuou: o Liceu Cuiabano<sup>11</sup>. Este foi o primeiro estabelecimento público secundário da cidade, conforme salienta Elizabeth Madureira Siqueira (2000, p.185). A instituição ocupou diferentes prédios desde sua criação, ocupando desde 1946 o atual endereço, situado na Praça General Mallet. Neste caso, instituição educativa é mais antiga que o próprio prédio que a abriga.

---

<sup>8</sup> *A Violeta*. Cuiabá, número 179, p.4. Edição consultada em microfilme na Fundação Biblioteca Nacional (RJ) e no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR/UFMT).

<sup>9</sup> *Idem*.

<sup>10</sup> *A Violeta*. Cuiabá, número 209, p.2. Edição consultada no Acervo Particular de Yasmin Nadaf.

<sup>11</sup> Importante instituição educativa, o Liceu Cuiabano (Lyceu de Línguas e Ciências) foi criado em 1879 e inaugurado em 1880, este foi o primeiro estabelecimento público secundário da cidade. A instituição ocupou diferentes prédios desde sua criação, ocupando desde 1946 o atual endereço, situado na Praça General Mallet. Neste caso, como instituição educativa é mais antiga que o próprio prédio que a abriga, conforme nos indicam os trabalhos de Elizabeth Madureira Siqueira (2000).

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da memória, mas dentro da história. (NORA, 1993, p. 8-9)

Esta citação de Pierre Nora é inspiradora para a reflexão trazida aqui sobre a casa como “lugar de memória” e de como mulheres estão diretamente ligadas às histórias que se constroem a partir de suas memórias. Como guardiãs de memórias – graças a elas é possível compreender melhor um passado e entender as marcas presentes. Afinal, a história transporta a memória, dizia Nora. Para ele, a memória é verdadeira, enquanto a história é sempre incompleta. Então, a vida de algumas mulheres e suas memórias talvez podem servir como peças de um quebra-cabeça – partes que se juntam para conhecer mais a história de Cuiabá, das temporalidades que se entrecruzam, de relações correlatas que se estabelecem.

Vale ressaltar que a historiografia pouco se ocupou de memórias de mulheres, em parte porque, como lembra Joana Maria Pedro (2005), dentro de uma tradição historiográfica ocupada em tratar de governantes e batalhas não havia espaço para mulheres – quando muito, são citadas como rainhas (na falta do varão), guerreiras (Joana d’Arc e Anita Garibaldi, por exemplo) –, ou seja, essa historiografia que dá destaque a personagens femininas compôs uma produção que se convencionou chamar de História das Mulheres. Na perspectiva dos Estudos de Gênero no Brasil, um dos trabalhos historiográficos pioneiros foi o de Maria Odila Leite Dias (1984), preocupado não só em trazer as mulheres para os cenários da História, mas também em questionar os silêncios das fontes e a necessidade de ler nas entrelinhas, buscar as minúcias. De lá para cá, muitas outras historiadoras brasileiras enveredaram por esse campo e a lista tornou-se imensa para ser citada.

Neste trabalho não faço uma história de mulheres, apenas utilizo-me de personagem feminina para indicar que, ao levar em conta os espaços privados, eminentemente femininos, considera-se o contexto cultural de o cuidado da família ainda estar tão vinculado às mulheres e que gerações delas tiveram a casa como palco de suas ações sociais, de trabalho, convivências, de relações familiares e sociais - de poderes. Maria Müller é um exemplo.

Maria Müller faleceu prestes a completar 105 anos. A longa vida dessa cuiabana se liga ao campo da literatura, das artes, do ensino e da política, como se disse. Nas palavras de

Nora (1985, p. 24): “Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura”. Ela foi também memorialista.

No cenário da casa dela, que pude conhecer com a permissão de uma das filhas, Helena, em 2012, havia uma memória de pertencimento, mesmo que nela ninguém mais morasse: as peças do serviço de café e jantar de porcelana na cristaleira, o piano com candelabros lembrando os tempos de ausência de energia elétrica e quadros de fotos de família.



Foto da autora – Sala da Casa de Maria Müller. 2012

O porta-retrato sobre o piano foi deixado para lembrar um momento importante da vida familiar, mas também pública da família: a foto do porta-retrato mostra uma festa onde Maria Müller está no canto esquerdo, ladeada pelo marido e em companhia, na mesma mesa, onde riem e bebem, do então presidente Getúlio Vargas. Nesta sala muitos saraus foram realizados no passado.



Foto da autora. Reprodução do porta-retrato. 2012.

Transcrevo uma crônica<sup>12</sup> sobre a proclamação da República, escrita em comemoração ao seu centenário, na qual Maria Müller lembra, de maneira impessoal, como ela lembra do episódio contado pelo avô, pois ela era neta do referido capitão, na ocasião do acontecimento com 9 anos de idade, quando ele fora presidente do estado:

A notícia de que o Brasil não era mais uma monarquia chegou à Cuiabá na madrugada de 9 de dezembro, quase um mês após o advento da República. O vapor Coxipó, que fazia a ligação Corumbá-Cuiabá, trazendo correspondência da ex-corte, chegara ao porto, altas horas da noite. Nos salões da residência do capitão Generoso Ponce, já nesse tempo chefe político de grande prestígio, realizava-se um imponente baile. No meio dessa festa, que reunia elementos de escol [sic] e membros influentes do Partido Liberal, de âmbito nacional, cartas recebidas pelo anfitrião davam conhecimento da grave ocorrência. A notícia divulgada caiu como um abalo sísmico sobre os circunstantes. Acontecimento de suma importância, que mudou os rumos da Pátria, trouxe consequência inesperada para Mato Grosso. Nesse mesmo dia 9 de dezembro, as Câmaras se reuniram e proclamaram a adesão deste, que deixara de ser província para ser Estado, à República Federativa recém-implantada. Ainda no mesmo dia, foi aclamado Governador o general Antônio Maria Coelho, depois confirmado no cargo pelo governo republicano. O Cel. Ernesto da Cunha Matos, representante do Império no Estado, deixa o governo e viaja para o Rio, dias seguintes, no mesmo vapor que trouxe a Cuiabá a notícia. Dezesete anos depois desses episódios, a neta mais velha do protagonista maior dos fatos políticos que se

<sup>12</sup> “1889 – Proclamação da República”. In: MÜLLER, Maria de Arruda e RODRIGUES, Dunga. Op. cit. p. 101-102.

sucederam em nosso Estado na última década da monarquia, na primeira República em Mato Grosso, recebeu dele a primeira lição de história regional. Generoso Ponce, então Presidente de Estado (denominação que tinha os governadores), em seu gabinete de trabalho, na casa solarenga que construía em 1904, abraçando a netinha ao completar 9 anos de idade, disse-lhe: “Você faz anos numa data histórica do Estado, a adesão de Mato Grosso à República”. Lição que os anos não apagaram e determinaram o gosto para rebuscar, nos meandros da tumultuada história deste fabuloso Mato Grosso, que ele muito amou, cujo amor soube transmitir aos seus descendentes.

Afora esse relato de participação familiar no anúncio e fazer-se da República, outros registros literários de Maria Müller foram publicados em jornais locais e, sobretudo, na revista *A Violeta*.

Quando publicou uma genealogia da família Arruda (MÜLLER, 1972, p. 28), ela assim se definiu:

[...] professora normalista, tendo exercido a profissão como professora primária em Cuiabá e Poconé, professora secundária na Escola Normal “Pedro Celestino”, auxiliar de Diretoria, depois diretora do Grupo Escolar “Senador Azeredo”. É a fundadora da Comissão Estadual da L.B.A. e dos Abrigos de Velhos e das Crianças em Cuiabá, dos quais é presidente perpétua por força dos Estatutos. É membro da Academia Matogrossense de Letras e sócia-fundadora do Grêmio Literário “Júlia Lopes” ora desaparecido. É casada com o prof. Julio Strübing Müller.

Como se pode ver, a definição como professora vem em primeiro lugar (também para seu marido que era então senador), depois as funções na carreira dos 18 anos de magistério, seguidos pelos trabalhos voluntários de vida pública e seu enredo familiar de casamento (57 anos) e sete filhos (um deles morreu aos 10 meses de idade). Atualmente apenas duas filhas são vivas, das quais Helena que me permitiu conhecer a casa da mãe, está com 90 anos. Dona Helena recebeu-me muito gentilmente e, embora não tenha me acompanhado na visita a casa por problemas que dificultam suas articulações ósseas, confiou-me a visita à casa acompanhada de um parente (então aluno meu, agora graduado em História) e se colocou à disposição para conversarmos em momento oportuno. Nas duas vezes em que estive na casa, pudemos conversar brevemente e informalmente. Um catálogo das obras literárias guardadas na casa foi feito. Mas existem lá muitos documentos dispersos e amontoados em caixas sem o devido acondicionamento, sujeitos às intempéries e a perda mesmo. À época foi esplanada uma possibilidade de revitalização do espaço talvez como museu, ou um espaço de cultura e memória, mas efetivamente, a casa continua apenas tombada por fazer parte do complexo



correspondente ao Centro Histórico de Cuiabá<sup>13</sup>. Todavia, transformar um bem de família em patrimônio cultural envolve várias articulações de interesses e de construção do que é importante ou não para uma dada comunidade.

Françoise Choay ressalta que a lista dos bens patrimoniais tendem a se tornar objetos de disputa. Ao exemplo da França, no século XVIII, na esteira da Revolução Francesa, a Comissão das Artes criou uma “Instrução sobre a maneira de inventariar”, baseado em valores nacionais. Conclui Choay (2006, p. 101): “O conceito de patrimônio estava, tal como hoje, afetado por forte conotação econômica, o que contribuía para sua ambivalência”. Adquirem, pois, dupla função: saber e prazer à disposição de todos, mas também produtos culturais fabricados para serem consumidos. Por isso, a indústria patrimonial representa hoje fatia cada vez maior do orçamento das nações.

Nas palavras de Choay (2006, p. 201): “[...] a arquitetura é a única arte cujas obras exigem ser materialmente percorridas. Só ela exige visitas, percursos, desvios que implicam o investimento do corpo inteiro e que a percepção visual apenas não pode substituir”. Certo que atualmente existem recursos midiáticos que reproduzem cidades inteiras até, mas talvez a visita *in loco*, só ela, possa dar uma dimensão interpretativa pessoal do estar lá. Nesse meu texto, articulo também as políticas de gênero, no sentido de dar visibilidade às mulheres e a casa no *panteon* dos grandes nomes e lugares importantes. Não que as mulheres comuns e anônimas não o mereçam, mas mesmo através de mulheres como Maria Müller é possível perceber o movimento de tantas outras Marias no enredo da cidade e nos lugares de memória. Vale ressaltar a fala de Francisco Régis Ramos (2010, p. 399):

Abordar esses lugares de memória no ensino de História não é fácil, exige tato e faro para o palimpsesto e o holograma que há na pele de cada monumento. É imprescindível lidar com deferimentos e desprezos, reverências e irreverências, conforme o rumo das muitas maneiras de imaginar os lugares de uma cidade. Assim, a valorização da memória deixa de ser uma razão a ser defendida para se tornar uma razão a ser debatida.

O autor supracitado instiga a pensar a educação patrimonial na perspectiva de um investimento pedagógico questionador, cuja tônica não está em conhecer ou reconhecer os lugares de memória, mas em questionar as escolhas e os usos que se fazem de lugares e objetos, pois as memórias estão sempre colocadas em uma arena de tensões extremas e

---

<sup>13</sup> A homologação do tombamento aconteceu em 1992, compreende as construções do período colonial (século XVIII e XIX e área de entorno. Resultado de longo processo iniciado na década de 1970. (CONTE; FREIRE, 2005).

ambíguas. Vê-se na educação patrimonial uma opção de trazer os museus e casas antigas como “lugares de memória” articulados às sensibilidades que evocam.

Este artigo apresentou a personagem cuiabana Maria Muller para iniciar um debate sobre narrativas históricas e os espaços de memória. Tomei de empréstimo a noção de “lugares de memória” de Pierre Nora (1985, p. 12-13):

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma externa onde subsiste uma consciência comemorativa, numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma comunidade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação.

Transformar esses “restos”, “casas velhas”, “objetos inúteis”, narrativas “esquecidas” em histórias memoráveis é parte do trabalho de historiadores. Muitos museus hoje, foram casas de famílias no passado. Essa relação de intimidade com objetos e espaços de memória, cruza-se nas vivências da cidade: os lugares por onde passam as pessoas, distraidamente ou rotineiramente sem atenção, são também parte da vida delas. Esses elementos que passam pela vida, de maneira por vezes imperceptível, podem se tornar parte consagrada às sensibilidades comuns que se entrecruzam no emaranhado que forma a memória coletiva.



Maria Müller recebendo homenagem por sua vida pública meses antes do seu falecimento - 2002<sup>14</sup>.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CONTE, Claudio Quoos; FREIRE, Marcus Vinícius de Lamonica (orgs.). **Centro Histórico de Cuiabá: patrimônio do Brasil**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.
- COSTA, Laís Dias Souza da Costa. **Factos e Cousas nas crônicas da revista mato-grossense A Violeta (1916-1937)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. UFMT. 2014.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 13, n. 25-26. Set. 1992/ago. 1993.
- MÜLLER, Maria de Arruda. **Família Arruda**. Cuiabá: Gráfica Vieira, 1972.
- \_\_\_\_\_. **À guisa de introdução**. Cuiabá: Gráfica Vieira, 1973.
- MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos**. Cuiabá: Federação das Indústrias de Mato Grosso, 1994.
- NADAF, Yasmin Jamil. **Sob o signo de uma flor**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP. São Paulo, 1985.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005.
- RAMOS, Francisco Régis L. Uma questão de tempo: os usos da memória nas aulas de história. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 30, n. 82, set./dez. 2010.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.
- SIQUEIRA, M. Elizabeth. **Luzes e Sombras: Modernidade e Educação Pública em Mato Grosso (1870-1889)**, Cuiabá: EdUfmt, 2000.

---

<sup>14</sup> Ela recebeu do então ministro da Educação Paulo Renato de Souza a comenda da Ordem Nacional do Mérito Educativo, como a mais antiga educadora do país. Na foto estão, os então, senador Antero de Barros, reitor da UFMT Paulo Speller, ministro Renato e o governador Dante de Oliveira. Maria Muller veio a falecer no final de 2003. Fonte: *Foto de Demóstenes Milhomem. Publicada na Revista RDNews*.  
<http://www.rdnews.com.br/ultimas-noticias/maria-muller-deixa-historia-na-politica-educacao-e-literatura/12912>